



O CORPO TRÁGICO EM ZARATUSTRA E O CORPO DOENTE EM DOSTOIÉVSKI

Iracema Macedo*

Resumo – O texto trata da crítica ao romantismo e ao idealismo feita por Nietzsche em *Humano, demasiado humano* e *Assim Falou Zaratustra*, tendo como argumentação psicológica alguns personagens de Dostoiévski: o homem do subsolo e as personagens femininas de várias novelas e romances. O retrato do corpo é impotente diante do contraste com o corpo trágico, leve e alegre entendidos por Nietzsche como afirmação da vida.

Palavras-chave: Niilismo. Dostoiévski. Nietzsche. Corpo. Idealismo.

O trabalho que apresentarei aqui é uma tentativa de esboçar alguns pontos de convergência entre o pensamento de Nietzsche e a novela *Memórias do subsolo*, publicada por Dostoiévski em 1864. Retomei um tema de pesquisa que já havia desenvolvido há alguns anos, agora com a intensificação da leitura de outros personagens do autor russo, entre eles a personagem feminina da novela *A dócil* e o personagem masculino da novela *O sonho de um homem ridículo*, textos publicados pelo autor russo respectivamente em 1876 e 1877.

Embora seja certo que Nietzsche leu Dostoiévski em várias traduções francesas, particularmente a partir de 1887, meu intuito não é desvendar possíveis influências do escritor russo sobre o pensador alemão, mas rastrear algumas semelhanças temáticas apresentadas por ambos, inclusive em obras de Nietzsche anteriores às suas primeiras leituras de Dostoiévski.

Além disso, tentarei mostrar como o pensamento nietzscheano indica saídas para o impasse niilista diante do qual alguns personagens do autor russo naufragaram.

Em uma carta ao amigo Overbeck, em fevereiro de 1887, Nietzsche relata a surpresa de seu encontro casual com a tradução francesa de *Memórias do subsolo*, intitulada "L'Esprit souterrain", surpresa essa que ele compara ao impacto que teve ao ler Schopenhauer aos 21 anos e Stendhal aos 35. Ele diz que percebeu imediatamente um instinto de parentesco com o autor russo.

* Professora pesquisadora no Instituto Federal Fluminense (IFF – campus Cabo Frio). Suas pesquisas possuem ênfase em filosofia e arte. É autora do livro *Nietzsche, Wagner e a época trágica dos gregos* (Annablume, 2006). E-mail: macedoamerica@uol.com.br

Em sua correspondência, há registros, ainda, de leituras das traduções francesas de *A casa dos mortos*, *Humilhados e ofendidos*, *Os demônios*, entre outras obras, e também o lamento por essas obras não terem sido traduzidas até então para o alemão. No *Crepúsculo dos ídolos*, aforismo 45, quando se debruça sobre a psicologia do criminoso como um tipo forte que é colocado em condições desfavoráveis, Nietzsche faz menção ao relato das recordações da prisão de Dostoiévski em *A casa dos mortos*, que foi escrito com a experiência dos vários anos que o autor viveu preso e conviveu com criminosos na Sibéria (NIETZSCHE, 2006, p. 95).

Mas, à parte os depoimentos explícitos de Nietzsche, é instigante notar convergências entre o pensamento dos dois, particularmente antes da leitura dessa novela, que teria sido o primeiro contato do filósofo alemão com o escritor russo. Já em *Humano, demasiado humano*, ele lamentava a negligência da tradição filosófica alemã no tocante às questões psicológicas, ou seja, no que diz respeito a uma abordagem efetiva e não idealista do que é humano, demasiado humano. Faz o elogio dos moralistas franceses, incluindo La Rochefoucauld e Montaigne, por terem apresentado uma investigação mais realista das coisas humanas.

Alguns anos depois, no prefácio acrescentado a esse livro, ele se pergunta onde encontrar interlocutores para essas observações psicológicas e responde que só os encontra entre os franceses e provavelmente também na terra russa.

Não por acaso, o protagonista da novela *Memórias do subsolo* diz-nos que, entre os russos, nunca houve romantismo no gênero do romantismo supraestelar dos alemães e de alguns franceses, e ainda acrescenta que os russos dados ao romantismo acabaram se transformando em alemães e se mudaram para Weimar e para a Floresta Negra. Não seriam, pois, românticos supraestelares os nascidos em São Petersburgo, a cidade que ele diz ser a mais absorta e meditativa do mundo, e que nós podemos muito bem denominar como a capital do niilismo russo.

É nesse horizonte de crítica ao romantismo que pretendo instaurar esse diálogo entre Dostoiévski e Nietzsche.

O protagonista de *Memórias do subsolo* é uma figura que nos aparece no texto sem um nome próprio forte pelo qual seja chamado, o mesmo acontece com a personagem feminina *A dócil* e com o outro personagem que passo a denominar apenas "o homem ridículo" nas outras novelas que citei. No caso de *Memórias do subsolo*, o protagonista escreve suas memórias de modo corrosivo, denunciando a falsidade de uma sociedade hipócrita, fútil, interesseira, cruel, cheia de preconceitos e de um humanitarismo falso e romântico. Dostoiévski rastreia com seu personagem os subterrâneos da personalidade humana, suas causas secretas, suas escuridões, suas sutilezas monstruosas e vis. Apresenta-nos um indivíduo extremamente inteligente e humilhado, buscando se vingar de sua fraqueza, mas jamais conseguindo fazê-lo com um adversário à sua altura, de igual para igual, e sim sempre às custas de alguém mais fraco que ele.

Esse personagem sem nome diz que uma consciência demasiadamente lúcida é uma doença e se considera culpado por ser mais inteligente que todos os que o rodeiam. Em sua consciência hipertrofiada, não originada no seio da natureza, considera-se um rato remoendo a vida no escuro, numa pútrida fermentação de desejos reprimidos e recalçados, estando sempre ressentido. Um rato de condição física e social inferior e que, como rato, pode transmitir a infecção da consciência não somente aos homens naturais e autênticos, que ele considera mais nobres que ele, como também às figuras mais frágeis e humilhadas, como é o caso da prostituta Lisa, em quem ele vai poder exercer seu sentimento de vingança, tentando infectá-la com a consciência de sua condição de prostituta, que há de morrer na miséria, talvez tuberculosa, sem amparo nem amor nenhum, enterrada em alguma cova gelada de São Petersburgo.

Na novela *O sonho de um homem ridículo*, o protagonista inicia seu texto em primeira pessoa com as seguintes afirmações:

Eu sou um homem ridículo. Agora eles me chamam de louco. Isso seria uma promoção, se eu não continuasse sendo para eles tão ridículo quanto antes. Sempre fui ridículo e sei disso talvez desde que nasci. Talvez desde os sete anos já soubesse que sou ridículo. Depois fui para a escola, depois para a universidade, e ora – quanto mais estudava, mais aprendia que sou ridículo. Assim como acontecia nos estudos, acontecia também na vida (DOSTOIÉVSKI, 2003, p. 91).

Já a personagem feminina da novela *A dócil* tem sua história de fraqueza narrada por seu marido, ou seja, nem uma voz própria feminina aparece nessa figura que, ao contrário dos homens citados, não escreve sobre si mesma e se salva de uma extrema pobreza, casando-se com uma espécie de financista que vive da penhora dos objetos de valor dos outros. A moça tenta se impor em seu casamento, mas permanece escrava de sua docilidade, e, nos impasses e nos conflitos de pequenos poderes, termina se suicidando como uma personagem que não teve como dar vazão à sua própria força, à sua própria intensidade.

Vale lembrar que a maioria das personagens femininas de Dostoiévski é formada por mulheres devoradas também pela impotência: velhas, prostitutas, loucas, suicidas, tuberculosas ou viúvas e donzelas dominadas por uma sociedade de valores exclusivamente patriarcais. Entre os personagens masculinos, há, pelo menos, aqueles que conseguem dar vazão à sua impotência, por meio de algum tipo real de maldade e de crime, o que não é exatamente o caso do nosso rato memorialista que vai segregar uma raiva venenosa e permanente, uma estranha volúpia no desejo de vingança, embora não possa se considerar autenticamente mau. Ele não consegue, por exemplo, cometer um crime como o estudante Raskolnikóv, de *Crime e Castigo*. Não consegue ser mau de fato, nem mau nem bom, compara-se a todo tempo com o que ele chama de homem natural e autêntico, e sente-lhe uma inveja profunda.

O rato diante do homem autêntico é sempre vacilante, fugidio, inseguro, tomado por muitas dúvidas e interrogações que o impedem de agir naturalmente. Forma-se à sua volta um infecto lodaçal, um charco funesto de sentimentos contraditórios que ele sente ferver dentro de si, mas não consegue exteriorizar. Vive no seu canto escuro, com a sua febre, sabendo que alguém que está na posse de sua plena consciência não tem condições de respeitar a si próprio.

Essa inação, essa inércia consciente, o desejo de vingança, o sentimento de culpa, a vontade de ferir o outro nos mínimos detalhes e a ausência de alegria e de realização são o desenho vivo de um século profundamente negativo denunciado por Dostoiévski. É como se o homem do século XIX tivesse a obrigação de ser uma nulidade.

É esse anti-herói romântico que nos diz que, antigamente, o homem derramava sangue e exterminava, com a consciência tranquila, todos quantos julgava necessário suprimir, e que hoje nós consideramos o fato de derramar sangue como uma infâmia, mas fazemo-lo de bom grado e muito mais rotineiramente que os antigos. Aqui vemos o tema nietzscheano da inocência da crueldade *versus* a má consciência da crueldade. O rato ilustra ainda esse assunto com o exemplo de Cleópatra, que espetava seus alfinetes de ouro nos seios de suas escravas e se deleitava, tendo imenso prazer com os gritos e as contorções dessas mulheres.

O personagem de Dostoiévski é incapaz de uma crueldade inocente e nobre, porque tem a consciência da infâmia e da vileza de suas atitudes até nos mínimos detalhes, como nas queixas de alguém que sofre de uma dor de dentes e que, não encontrando ninguém a quem possa acusar de ser a causa de seu sofrimento, ninguém de quem possa se vingar diretamente, utiliza seus queixumes como meio para agredir o bem-estar dos outros, tenta suscitar compaixão como uma estratégia para ferir os sadios, não deixando ninguém dormir na casa, tornando todo o ambiente maldoso e agressivo.

Essas e outras situações da novela podem ilustrar várias denúncias feitas por Nietzsche ao homem moderno: os temas da fragilidade da consciência, do ressentimento, do desejo de vingança, do desejo de suscitar compaixão, do falso humanitarismo da modernidade e, mais ainda, da necessidade da dor, do caos, da destruição, do sofrimento e da dúvida, porque, por pior que seja o rato consciente, ele é, ainda, muito mais verdadeiro que os que vivem cerceados por ilusões douradas que consideram apenas os interesses normais da humanidade, como o conforto, o bem-estar, a riqueza, a liberdade, o descanso etc.

É nesse horizonte de erosão do romantismo e do idealismo que encontramos Nietzsche com a sua dissolução da cor azul da metafísica e da moral, com a sua compreensão do humanitarismo como máscara do sentimento de poder, com sua visão da compaixão como impulso de apropriação do mais forte em relação ao mais fraco. Pensando não romanticamente, Nietzsche nos apresenta em *Humano, demasiado humano* uma filosofia glacial e sem consolo, mostrando a face terrível da aventura do conhecimento, aliando psicologia e história contra a tradição filosófica metafísica; vendo o homem como um ser em trânsito, mostrando

a crueldade no substrato da civilização, com o esclarecimento chocante de que ver sofrer faz bem e de que fazer sofrer faz mais bem ainda, denunciando a presunção de vivermos em uma época de maior progresso moral como algo ridículo.

Antes da convalescença que começa a se anunciar em *A gaia ciência*, temos a filosofia gelada de Nietzsche, que equaciona sofrimento e lucidez e entende que a árvore do conhecimento não é a árvore da vida.

Mas, diante do retrato niilista desenhado por essa psicologia do século XIX, não poderíamos ver no pensamento de Nietzsche algumas pistas para a superação? Será que, nesse deserto niilista, o pensamento nietzscheano vem trazer alguma esperança de fecundidade?

Já em *Humano, demasiado humano*, podemos encontrar algumas pistas quando Nietzsche invoca, diante da gravidade da vida, a solene frivolidade dos versos de Horácio, quando diz que essa solene frivolidade é melhor que uma meia-volta ou deserção romântica. Quando diz que tudo é inocência e o conhecimento é a via para compreender essa inocência, e que talvez a humanidade possa ter a força de criar o homem sábio (consciente da inocência), da mesma forma regular como hoje produz o homem injusto, consciente da culpa, que não é o oposto do homem inocente, mas o precursor necessário deste.

Ainda nesse livro de 1878, o filósofo alemão faz a analogia do conhecimento com a dança, isto é, com a força e com a flexibilidade, analogia essa que será desenvolvida em *A Gaia ciência* como tentativa de aliança entre conhecimento, riso, alegria, ceticismo, dança e música.

O convite à alegria e à dança dificilmente seria aceito pelos personagens de Dostoiévski: o rato, o homem ridículo e a dócil. Em suas trajetórias subterrâneas, eles não conhecem a alegria nem a leveza dos passos do bailarino que dança sobre mil dorsos, dorsos de ondas que passam e se renovam, e que nos ensinam mil maneiras de dançar com o vento mistral que mata as tristezas, as mesquinhas e as pequenezas. Um dançarino que põe fora do seu paraíso todos os hipócritas das falsas honras e das falsas virtudes.

É nesse tom que desejo, agora, afinar o restante dessa comunicação com o mote de que, na visão nietzschiana, a consciência doentia do rato subterrâneo, a docilidade escrava e a consciência do ridículo podem traduzir-se em consciência dançante, sadia e inocente. Em um jogo de palavras que dá para fazer em português, poderíamos dizer que converter a doença em dança seria uma saída apontada por Nietzsche para o niilismo ilustrado por Dostoiévski.

No aforismo 239 de *A gaia ciência*, Nietzsche nos diz que basta uma única pessoa sem alegria para criar constante mau humor e céu escuro em toda uma casa, e somente por milagre ocorre que não exista essa pessoa. O filósofo fala sempre da necessidade da boa consciência da alegria e do riso, do riso como contribuição ao sistema educacional. Ele nos diz que, na Alemanha, falta aos homens superiores um grande meio de educação: a risada, pois eles não riem na Alemanha. Invoca, ainda, o testemunho do moralista francês Chamfort, que considerava perdido todo dia em que não tivesse dado uma boa risada.

Seu principal ponto de encontro com alguns personagens de Dostoiévski aparece, no entanto, quando se percebe que, na visão dos dois, a existência não pode prescindir do mal, do caos e da infecção do novo. Não se trata apenas da conservação da espécie, da atividade respeitável das formigas que visam apenas à conservação do formigueiro, mas trata-se, também, da superação da existência para a qual aquilo que chamamos de mal é necessário. Note-se, todavia, que o pensamento de Nietzsche não pretende ser universal, muito menos afirmar a universalidade do mal como barbárie. Trata-se de um pensamento que lida com exceções e diferenças, e, nesse contexto, o mal faz parte de uma economia geral do todo, como catalisador das grandes transformações.

Nietzsche nos convida a examinar a vida dos mais nobres e fecundos homens e povos, bem como a nos perguntar se uma árvore que deve crescer orgulhosamente no ar poderia dispensar o mau tempo e os temporais; segue-se a questão de saber se podemos prescindir da doença, se o nosso conhecimento não precisa tanto da alma doente quanto da alma sadia e a afirmação de que não existe uma saúde em si, de que há inúmeras saúdes do corpo e de que um veneno que é fatal para uma pessoa pode ser estímulo de vida para outra.

Dessa forma, podemos entender que a cultura superior almejada pelo pensamento nietzschiano abraçará, também, o niilismo como um mal necessário, e é com base no niilismo que será possível acontecer uma superação do homem moderno.

No livro V de *A gaia ciência*, que foi acrescentado depois da confecção de *Assim falou Zaratustra*, o pensador alemão nos fala da náusea e do assombro que caiu sobre o seu tempo, do naturalismo parisiense e do niilismo segundo o modelo de São Petersburgo (isto é, a crença na descrença até chegar ao martírio por ela). Essa crença na descrença pode causar um fanatismo negativo completamente decadente.

Contra esse negativismo, Nietzsche invoca a fé na força e na autodeterminação, o espírito que abre mão da crença e da descrença absolutas, e que consegue dançar até mesmo à beira dos abismos, o espírito livre por excelência, o espírito que dança.

Zaratustra tinha afirmado que só tem o direito de destruir aquele que pode recriar o que destruiu. Diante de um imenso mundo de escombros, o pensamento afirmativo e trágico de Nietzsche tenta a reconstrução, evitando os narcóticos: o cristianismo, a arte metafísica, o álcool, a noção de trabalho e de "dignidade do trabalho" como consolo e como justificativa da existência.

Diante também da nova barbárie do excesso de vida intranquila pautada pelo trabalho, o pensador defende a contemplação e o ócio criativo e lúdico, dizendo que todo aquele que não possui dois terços do seu dia para si é escravo, seja ele trabalhador braçal, estadista ou trabalhador erudito.

Sabemos das implicações aristocráticas desse pensamento nietzschiano, mas entendemos bem quando ele nos diz, por meio do Zaratustra, que todos os que amam o trabalho demasiado e apressado estão procurando esquecer de si próprios; é para fugir da vida e do tédio

que se apegam ao trabalho como um novo narcótico da cultura e como uma doença mascarada de saúde.

Nesse aspecto, podemos dizer que o rato do subsolo e o homem ridículo, que não são trabalhadores, mas seres pensantes e ociosos, são uma espécie de transição do ser humano, que há de passar por uma metamorfose até o homem superior do pensamento nietzschiano. Enquanto o narrador de *Memórias do subsolo*, o sonhador ridículo e a moça dócil parecem abismar-se na decadência, Nietzsche, ao longo de sua obra, desde a juventude, trouxe o exemplo luminoso dos gregos pré-socráticos como uma possibilidade de vida bela e criada. Não se trata de imitar os gregos, mas de restaurar uma intensidade humana há muito tempo perdida.

No prefácio autocrítico acrescentado a *O nascimento da tragédia*, em 1886, o filósofo enfatiza a cumplicidade entre a dor, a beleza e a alegria na cultura trágica. Os gregos, com toda sua arte e suas festas, eram justamente os mais aptos para o sofrimento. A defesa nietzscheana do sofrimento é muito semelhante à necessidade de caos e destruição apontada por Dostoiévski em *Memórias do subsolo*. Ao homem criador, exige-se que abandone a segurança e a comodidade fácil das verdades estabelecidas. Para que possa construir, é preciso que saiba antes destruir. Zaratustra declara em seus discursos que, para gerar uma estrela dançante, é preciso ter um caos dentro de si.

Pode-se dizer que os protagonistas de Dostoiévski têm um caos dentro de si, mas não conseguem transformar esse caos em beleza. Não são fortes o suficiente para isso. Viveram muito tempo na sombra e já não podem libertar-se.

A figura do rato do subsolo, por exemplo, assemelha-se a uma série de figuras subterrâneas que aparecem nos discursos de Zaratustra: as rãs, as víboras, os demônios, as tarântulas. Seres de sombra que olham a vida pelo canto do olho. Fermentam seu veneno e estão sempre prontos a vingar-se da realidade luminosa. Em alguns casos, consideram-se enfermos e dizem que seus pensamentos mesquinhos e suas pequenas maldades evitam que cometam maiores crimes, mas Zaratustra declara que melhor seria se conseguissem cultivar inteiramente o demônio que trazem dentro de si e que isso, pelo menos, seria um caminho de grandeza.

Em Dostoiévski, o rato do subsolo não consegue dar asas ao seu demônio, vive enfronhado numa maldade fictícia, intelectual. Não consegue ser mau de fato, não consegue ser "mau nem bom". Completamente impotente para a ação, não há nada que o transforme no nobre guerreiro, no homem bom e ativo.

Ao longo de sua obra, Nietzsche aposta em figuras mais luminosas como o além-do-homem, as águias, os espíritos livres, os gregos da época trágica. Em sua visão, é preciso que o homem recupere a alegria de viver sobre a terra e se liberte do subterrâneo do ressentimento e do além-mundo idealista.

No diálogo imaginário entre a obra de Nietzsche e a de Dostoiévski, podemos dizer que o pensador alemão também atravessou uma escuridão subterrânea, sobretudo durante a época do seu rompimento drástico com as esperanças juvenis inspiradas em Schopenhauer e Wagner, passando por um período de ceticismo brutal. No prefácio de 1886 à *Gaia ciência*, ele registra, em tom de júbilo e esperança, que, de uma tal enfermidade, também da enfermidade da grande suspeita, voltamos renascidos, com gosto mais sutil para a alegria; diz-nos que precisamos de uma nova arte trocista, zombeteira e jovial, que não queremos mais a verdade a todo custo, pois já estamos experimentados, somos mais alegres, mais profundos, sabemos agora esquecer, sabemos não saber.

The tragic body Zarathustra and the sick body in Dostoiévski

Abstract – The present paper refers to the critique of romanticism and idealism by Nietzsche in *Human, All Too Human* and in *Thus Spoke Zarathustra*, having as psychological reasoning some Dostoiévski's characters, such as the underground man and female characters from various novels and romances. The picture of the helpless body in contrast with the tragic, lightweight and gay ones, were understood by Nietzsche as an affirmation of life.

Keywords: Nihilism. Dostoiévski. Nietzsche. Body. Idealism.

REFERÊNCIAS

DOSTOIÉVSKI, F. *Memórias do subsolo*. Tradução Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2000.

DOSTOIÉVSKI, F. *Duas narrativas fantásticas: a dócil e o sonho de um homem ridículo*. Tradução Vadim Nikitin. São Paulo: Editora 34, 2003.

NIETZSCHE, F. *Humano, demasiado humano*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NIETZSCHE, F. *A Gaia ciência*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, F. *Assim falou Zarathustra*. Tradução Mário Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos Ídolos*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.